

# A questão semântica da subordinação temporal em frases complexas com completivas finitas e não finitas

*Purificação Silvano*

Centro de Linguística da Universidade do Porto

## 1. Introdução

O objectivo desta comunicação é o de discutir a questão semântica da subordinação temporal em frases complexas de verbo com completivas finitas e não finitas introduzidas pelos verbos *dizer*, *afirmar*, *considerar*, *pensar* e *querer*. A recorrência, nos *corpora do português*, mais precisamente no *Corpus CPPRMIANOT*<sup>1</sup>, destes verbos, no domínio dos verbos declarativos, de actividade mental e volitivos e optativos, determinou a sua selecção para a constituição do *corpus* que serviu de base a este estudo<sup>2</sup>.

A observação dos dados, retirados do jornal *Público*, revela que o processo de ligação das orações mais usado não é a subordinação temporal, mas a criação de um novo domínio temporal. No decurso desta exposição, mostrarei em que sequências de tempos verbais ocorre um e outro processo e quais são as implicações no que diz respeito à interpretação temporal das frases.

## 2. Uma proposta de análise

A minha proposta de análise fundamenta-se na articulação do ponto de perspectiva temporal (TPpt) e do ponto de referência (Rpt) da Teoria das Representações Discursivas de Kamp e Reyle (1993) com a concepção de domínio temporal de Declerck (1991), de forma a determinar em que medida e sob que condições há, ou não, subordinação temporal nas frases complexas com completivas. O ponto de perspectiva temporal é interpretado como o intervalo temporal a partir do qual a eventualidade é vista e o ponto de referência como o intervalo de tempo que serve para relacionar temporalmente as eventualidades num mesmo domínio temporal. O domínio temporal é o intervalo de tempo criado por uma determinada eventualidade ou eventualidades. De acordo com esta análise, há subordinação temporal quando a eventualidade descrita pela oração subordinada é integrada no

<sup>1</sup> O endereço electrónico do *corpus* CPPRMIANOT é <http://cgi.portugues.mct.pt/acesso/>. Este *corpus* inclui dois parágrafos por edição do *Público*, extraídos entre 1991 e 1998.

<sup>2</sup> Cf. Silvano (2002: 131-136).

domínio temporal estabelecido pela eventualidade da oração principal. Esta situação acontece quando o ponto de perspectiva temporal da eventualidade da oração subordinada passa a ser o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade representada pela oração principal. Quando esta é um evento, então, funciona também como ponto de referência. No processo de criação de um novo domínio temporal, a eventualidade da oração subordinada estabelece um novo domínio temporal, o que significa que o ponto de perspectiva temporal não é o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade da primeira oração, mas um intervalo de tempo que coincide com o momento de enunciação do relato ( $n$ ) ou com o momento de enunciação original e do relato ( $n_1$ ). Neste caso, quando não há subordinação temporal, a ordenação temporal das eventualidades é possível devido a adverbiais temporais e/ou ao nosso conhecimento do mundo. Para além destes aspectos, a análise inclui ainda a caracterização aspectual das eventualidades como eventos ( $e$ ) ou estados ( $s$ ) e a observação da função de alguns adverbiais temporais na localização temporal e na classificação aspectual das eventualidades. Efectivamente, como demonstrei, impõe-se realizar uma leitura composicional das frases se se pretender uma interpretação temporal correcta.

### 3. Análise dos dados

Por uma questão organizativa, farei primeiramente a análise dos dados com frases complexas com completivas finitas, que representam 64% das ocorrências e, depois, com as frases complexas com completivas não finitas, com 36% de frequência no *corpus*<sup>1</sup>.

O estudo está também organizado tomando em consideração os tempos gramaticais mais frequentes dos verbos introdutores, a saber o Pretérito Perfeito do Indicativo (PP Ind) e o Presente do Indicativo (Pres Ind). No caso das completivas finitas, consideram-se ainda os tempos verbais que co-ocorrem mais frequentemente com aqueles: os verbos no PP Ind seleccionam maioritariamente o Pres Ind, exceptuando os verbos *pensar* e *querer* que revelam um maior número de ocorrências com o Imperfeito do Indicativo (Imp Ind) e o Imperfeito do Conjuntivo (Imp Conj), respectivamente; com os verbos introdutores no Pres Ind, surge sobretudo o Pres Ind nos verbos das orações subordinadas, sendo a excepção novamente o verbo *querer* que ocorre sempre com o Presente do Conjuntivo (Pres Conj).

Em relação às frases completivas não finitas, recorrem preferencialmente ao infinitivo simples (Inf simpl) (94% das ocorrências), depois ao infinitivo perfeito (Inf Perf) (5% das ocorrências) e, por fim, a construções com os verbos auxiliares *estar* e *ir* (1% das ocorrências).

#### 3.1. Frases complexas com completivas finitas

Os dados presentes de (1) a (6) são exemplificativos das frases complexas com completivas finitas presentes no *corpus*.

- (1) Victor S. Gonçalves, professor naquele departamento, afirmou ao *Público* que Cláudio Torres não é «um arqueólogo no sentido universitário e europeu do termo».
- (2) Quase contrariado, disse que o conselho geral reuniu ontem de manhã.

<sup>1</sup> Para uma análise estatística mais pormenorizada do *corpus* constituído, consultar Silvano (2002:139-146).

- (3) Um dos médicos do hospital afirmou que as reservas de oxigénio só durarão mais três dias.
- (4) Em resposta, o governo de Tony Blair disse que considerava o assunto «muito sério».
- (5) Ontem os serviços presidenciais disseram que a viagem fora cancelada.
- (6) Manifestando confiança numa vitória eleitoral, Sampaio afirmou que uma presidência portuguesa da Comunidade Europeia seria distinta de uma social-democrata.

A primeira série de exemplos de (1) a (3) ilustra a criação de novos domínios temporais nas frases completivas, enquanto, na segunda série, o processo de ligação das orações é a subordinação temporal. Compare-se o exemplo (1) com o (4): em ambos, tal como nos restantes exemplos, o verbo introdutor, que descreve um evento, encontra-se no PP Ind, o que significa que o ponto de perspectiva temporal coincide com o momento de enunciação do relato e o evento se situa antes desse intervalo de tempo. As frases completivas recorrem, no entanto, a tempos verbais diferentes e implicam caracterizações temporais distintas. O uso do Pres Ind em (1) conduz a duas leituras temporais, uma em que o estado descrito na oração subordinada se sobrepõe ao evento descrito na oração subordinante e outra em que a sobreposição do estado é em relação ao momento de enunciação do relato. Na verdade, na interpretação temporal desta frase, considerada na literatura como uma frase de duplo acesso, deve considerar-se que o estado representado pela oração subordinada ocorre num intervalo de tempo ( $n_1$ ) que abrange o momento de enunciação original, isto é, o tempo em que ocorre o evento “afirmar”, e o momento de enunciação do relato ( $n$ ). Numa caracterização mais formal do estado, conclui-se que o ponto de perspectiva temporal é o intervalo de tempo que engloba o momento de enunciação original e o do relato ( $n_1$ ) e o estado sobrepõe-se a esse intervalo de tempo. Inversamente, o estado descrito na oração encaixada do exemplo (4) estabelece uma relação de sobreposição apenas com o evento representado na oração subordinante. Na sequência de tempos verbais PP Ind→Imp Ind, o ponto de perspectiva temporal do estado é um intervalo de tempo anterior ao momento de enunciação do relato, mais precisamente o momento de enunciação original. O estado “considerar o assunto muito sério” sobrepõe-se ao evento “dizer” representado pela oração principal. Como o estado é integrado no mesmo domínio temporal criado pelo evento “dizer”, este actua como o seu ponto de referência.

Nos exemplos (2) e (5), caracterizados pelas sequências de tempos verbais PP Ind→<sup>1</sup>PP Ind vs PP Ind→PMP Ind (pretérito mais que perfeito do Indicativo), os eventos descritos nas orações subordinadas assumem, tal como no par de sequências já analisado, caracterizações temporais distintas, embora a sua localização em relação ao evento da oração principal seja a mesma, ou seja, de precedência. De facto, enquanto o evento “reunir” tem como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação do relato e se situa antes desse intervalo de tempo, o ponto de perspectiva temporal do evento “ser cancelada”

<sup>1</sup> O símbolo → indica subordinação sintáctica.

é o intervalo de tempo anterior ao momento de enunciação do relato, a saber o intervalo de tempo ocupado pelo momento de enunciação original, isto é, pelo evento “dizer”, estabelecendo com ele uma relação de precedência. Note-se que a presença de advérbiais temporais nestas duas frases fornece mais alguns dados que permitem precisar o intervalo de tempo da ocorrência dos eventos. Em (2), o advérbial “ontem de manhã”, cuja origem de computação é *n*, localiza “reunir” num tempo passado anterior a *n* e implicitamente localiza “dizer” também num tempo passado posterior ao intervalo de tempo denotado pelo advérbial temporal. Por sua vez, em (5), o tempo denotado por “ontem”, isto é, o tempo de ocorrência do evento “dizer”, funciona como ponto de referência para os eventos “dizer” e “ser cancelada” e, implicitamente, indica que este último evento se situa num intervalo de tempo anterior a “ontem”.

É interessante verificar que, sendo normalmente o PP Ind usado para relatar eventos que se sucedem temporalmente, neste caso o segundo PP Ind exprime anterioridade em relação ao primeiro. Com efeito, a observação de outros dados com contextos de ocorrência semelhantes ao de (6) revelam que em construções completivas este uso do PP Ind é muito comum, sendo na verdade mais frequente do que a recorrência ao PMP Ind. Embora superficialmente não se verifique subordinação temporal, dado que há a criação de um novo domínio com o ponto de perspectiva temporal em *n*, o PP Ind antecedido na oração subordinante por outro PP Ind exprime anterioridade, parecendo substituir o PMP Ind que surge cada vez menos, pelo menos no texto jornalístico (e mesmo oralmente).

O par das sequências de tempos verbais PP Ind → Fut Ind (Futuro do Indicativo) vs PP Ind → Cond (Condicional)<sup>5</sup>, presentes em (3) e (6), exemplifica, mais uma vez, o recurso à criação de um novo domínio temporal e à subordinação temporal, respectivamente. Necessariamente, o ponto de perspectiva temporal das eventualidades descritas pelas orações subordinadas é diferente. Em (3), o ponto de perspectiva temporal coincide com o momento de enunciação do relato e o estado localiza-se depois desse intervalo de tempo. Na realidade, *n* funciona como fronteira inicial da duração do estado (um período de três dias) denotada por um advérbial de medição temporal, seguindo a terminologia de Kamp e Reyle (1993:647-650). Se este estado se localiza depois de *n*, estabelece com o evento representado pela oração principal, que, como já referi, se situa antes de *n*, uma relação de posterioridade. Em contrapartida, o estado “ser distinta”, que figura em (6), é visto dum ponto de perspectiva temporal anterior ao momento de enunciação do relato, isto é, do

<sup>5</sup> Estes exemplos têm sobretudo uma carga temporal e não tanto modal. Porém, há exemplos em que a informação modal é muito mais forte. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (i) A respeito do exame a que a médica foi submetida. Pinto da Costa afirmou que, em circunstâncias idênticas, qualquer funcionário receberia o mesmo tratamento.
- (ii) Mas os responsáveis do operador de cabo Telewest consideraram, também na quarta-feira passada, que as propostas da BIB serão mais completas nem de melhor qualidade que as que são oferecidas pelos projectos de televisão digital por cabo.

Nestas frases, o Fut Ind e o Cond transmitem o que é provável acontecer, sendo principalmente modais. É interessante constatar como o contexto é imprescindível na averiguação do valor modal e temporal destes tempos verbais. No exemplo (6), a oração reduzida de gerúndio autoriza uma interpretação temporal do Cond “seria”, que dificilmente se conseguiria sem ela.

A QUESTÃO SEMÂNTICA DA SUBORDINAÇÃO TEMPORAL EM FRASES COMPLEXAS

intervalo de tempo ocupado pelo evento da primeira oração e estabelece com esse tempo uma relação de posterioridade. O ponto de referência para esta eventualidade é o evento delineado na oração principal.

Os quadros II – IV sistematizam a análise realizada<sup>6</sup>.

Sequência de tempos verbais	Tipo de eventualidades	Descrição temporal das eventualidades	Relação temporal entre as eventualidades	Subordinação temporal
PP Ind → Pres Ind	$s_1/e \rightarrow s_2$	$s_1/e$ : TPpt:=n $s_1/e < TPpt$ $s_2$ : TPpt:=n <sub>1</sub> $s_2$ O TPpt	$s_2$ O $s_1/e$	X
PP Ind → Imp Ind	$s_1/e \rightarrow s_2$	$s_1/e$ : TPpt:=n $s_1/e < TPpt$ $s_2$ : Rpt:=e TPpt < n $s_2$ O TPpt	$s_2$ O $s_1/e$	√

Quadro II

Sequência de tempos verbais	Tipo de eventualidades	Descrição temporal das eventualidades	Relação temporal entre as eventualidades	Subordinação temporal
PP Ind → PP Ind	$s_1/e_1 \rightarrow e_2/s_2$	$s_1/e_1$ : TPpt:=n $s_1/e_1 < TPpt$ $e_2/s_2$ : TPpt:=n $e_2/s_2 < TPpt$	$e_2/s_2 < s_1/e_1$	X
PP Ind → PMP Ind	$s_1/e_1 \rightarrow e_2/s_2$	$s_1/e_1$ : TPpt:=n $s_1/e_1 < TPpt$ $e_2/s_2$ : Rpt:=e <sub>1</sub> TPpt < n $e_2/s_2 < TPpt$	$e_2/s_2 < s_1/e_1$	√

Quadro III

Sequência de tempos verbais	Tipo de eventualidades	Descrição temporal das eventualidades	Relação temporal entre as eventualidades	Subordinação temporal
PP Ind → Fut Ind	$s_1/e_1 \rightarrow e_2/s_2$	$s_1/e_1$ : TPpt:=n $s_1/e_1 < TPpt$ $e_2/s_2$ : TPpt:=n $e_2/s_2 > TPpt$	$e_2/s_2 > s_1/e_1$	X
PP Ind → Cond	$s_1/e_1 \rightarrow e_2/s_2$	$s_1/e_1$ : TPpt:=n $s_1/e_1 < TPpt$ $e_2/s_2$ : Rpt:=e <sub>1</sub> TPpt < n $e_2/s_2 > TPpt$	$e_2/s_2 > s_1/e_1$	√

Quadro IV

<sup>6</sup> Nas sistematizações realizadas, segue-se a caracterização temporal das eventualidades feita por Kamp e Reyle (1993), correspondendo os símbolos =, < e O a relações de coincidência, precedência e sobreposição.

Como já foi mencionado, o *corpus* apresenta também dados com o Pres Ind nos verbos introdutórios. Contudo a co-ocorrência deste tempo verbal com os verbos declarativos *dizer* e *afirmar* coloca algumas questões, pois não viabilizam uma leitura de presente. Vejam-se os exemplos (7) e (8):

- (7) Este homem diz simplesmente que tem o «grupo sanguíneo dos normandos».  
 (8) O «Bild» afirma que comprou a foto a «uma grande agência parisiense».

Na sua base, *dizer* e *afirmar* são eventos<sup>7</sup> e, neste contexto, não podem receber uma leitura de habitualidade como em (9):

- (9) Tradicionalmente, a Universidade de Lisboa diz que a culpa é da Câmara.

Portanto, não se pode caracterizar temporalmente estas eventualidades como tendo o ponto de perspectiva temporal em *n* e coincidindo com este intervalo temporal. Afiguram-se-me três possibilidades de interpretação do Pres Ind empregue em orações principais com verbos declarativos<sup>8</sup> nos contextos já referidos: (1) Interpretar o Pres Ind como um tempo verbal que descreve um evento que ocorreu no passado mas que tem validade presente. Nesta análise, o valor do Pres Ind usado aproxima-se do valor do Pres Ind usado nas frases de duplo acesso, embora este descreva estados e aqueles eventos. (2) Interpretar o Pres Ind como o *presente histórico*, através do qual se procura trazer para o presente um facto já passado. (3) Interpretar o Pres Ind como um tempo pré-presente, situando o evento logo antes do momento de enunciação do relato. Se a concepção de pré-presente for alargada, todas elas poderão ser entendidas como instanciações de um tempo pré-presente. Isto significa que, quando a eventualidade da oração principal for um evento, o Pres Ind comportar-se-á em termos de relações temporais como o PP Ind, embora semanticamente o uso do Pres Ind nestes contextos denote uma maior proximidade ao momento de enunciação do relato, actuando como um pré-presente.

Retomando os exemplos (7) e (8). Os eventos “dizer” e “afirmar” têm como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação do relato e localizam-se antes desse intervalo de tempo. Nestes casos, o Pres Ind comporta-se em termos de relações temporais como o PP Ind, embora semanticamente denote uma maior proximidade a *n*. Por isso, em (7), a

<sup>7</sup> Não se trata, pois, de um relato directo, pois, se assim fosse, recorrer-se-ia às formas “está a dizer” e “está a afirmar”. Este uso do Pres Ind é compatível com a seguinte situação, que me foi sugerida pela Prof<sup>a</sup> Fátima Oliveira:

(A Maria está ao telefone a conversar com o João e a Ana, que está junto a ela, quer saber o que o João diz)  
 Ana: O que diz ele?

Maria: Ele diz que não foi trabalhar porque estava doente.

Neste caso, o Pres Ind assemelha-se à forma progressiva presente “está a dizer”.

<sup>8</sup> É importante sublinhar que esta leitura do Pres Ind surge em construções do tipo “diz que”. Na verdade, parece ser a estrutura de encaixe que determina a transformação do seu valor temporal, pois, quando empregue em construções do tipo “Ele diz isso”, o Pres Ind atribui tipicamente uma leitura de habitualidade.

oração encaixada representa um estado que tem como ponto de perspectiva temporal  $n_1$ , isto é, o intervalo de tempo que abrange o momento de enunciação original e o do relato, e sobrepõe-se a esse tempo, e necessariamente ao evento “dizer”. Em (8), o evento “comprar” assume como ponto de perspectiva temporal o momento de enunciação do relato e localiza-se antes dele e antes do evento “afirmar”. Em nenhum dos exemplos, há subordinação temporal, contrariamente ao que acontece em (10):

(10) Todas as pessoas dizem que ela estava descontraída e calma.

No estado representado pela oração subordinada, o ponto de perspectiva temporal é um intervalo de tempo anterior a  $n$ : o estado sobrepõe-se ao ponto de perspectiva temporal, sobrepondo-se ao evento “dizer” e integrando o mesmo domínio temporal. O ponto de referência é o evento descrito na oração principal.

A síntese das relações temporais presentes nas seqüências de tempo analisadas e noutras que são frequentes no *corpus* surge no quadro V.

Seqüência de tempos verbais	Tipo de eventualidades	Descrição temporal das eventualidades	Relação temporal entre as eventualidades	Subordinação temporal
Pres Ind → Pres Ind	$e \rightarrow s$	$e$ : TPpt:= $n$ $e < TPpt$ $s$ : TPpt:= $n_1$ $s \text{ O } TPpt$	$s \text{ O } e$	X
Pres Ind → PP Ind	$e_1 \rightarrow e_2 / s_{acab}$	$e_1$ : TPpt:= $n$ $e_1 < TPpt$ $e_2/s_{acab}$ : TPpt:= $n$ $e_2/s_{acab} < TPpt$	$e_2 / s_{acab} < e_1$	X
Pres Ind → Imp Ind	$e \rightarrow s_{inacab}$	$e$ : TPpt:= $n$ $e < TPpt$ $s_{inacab}$ : Rpt:= $e$ TPpt:< $n$ $s_{inacab} \text{ O } TPpt$	$s_{inacab} \text{ O } e$	✓
Pres Ind → Fut Ind	$e_1 \rightarrow e_2 / s$	$e_1$ : TPpt:= $n$ $e_1 < TPpt$ $e_2 / s$ : TPpt:= $n$ $e_2 / s > TPpt$	$e_2 / s > e_1$	X
Pres Ind → Cond	$e_1 \rightarrow e_2 / s$	$e_1$ : TPpt:= $n$ $e_1 < TPpt$ $e_2 / s$ : Rpt:= $e_1$ TPpt:< $n$ $e_2 / s > TPpt$	$e_2 / s > e_1$	✓

Quadro V

Quando a eventualidade presente na oração matriz é um estado representado no Pres Ind, o ponto de perspectiva temporal é  $n$  e o estado sobrepõe-se a  $n$ . Esta ocorrência é ilustrada pelos exemplos seguintes:

- (11) Penso também que o FC Porto é mais agressivo sobre a bola do que o Benfica.  
 (12) 11,8 % dos anti-regionalistas consideram que as regiões provocarão uma divisão artificial do país.

Nestas sequências de tempos verbais, as eventualidades descritas pelas orações encaixadas integram o domínio criado pelos estados “pensar” e “considerar”, havendo subordinação temporal. Em (11), o ponto de perspectiva temporal do estado “ser mais agressivo” é *n* e assiste-se à sobreposição do estado a esse intervalo de tempo *e*, conseqüentemente, ao estado “pensar”. Em (12), o evento “provocar uma divisão artificial do país” tem as seguintes especificidades temporais: <Tppt coincide com *n*; evento localiza-se depois de *n* >. Dado que o estado “considerar” se sobrepõe a *n*, o evento da oração complemento estabelece com o estado da oração principal uma relação de posterioridade. O quadro VI resume as relações temporais de algumas sequências de tempos envolvendo estados no Pres Ind na oração principal.

Sequência de tempos verbais	Tipo de eventualidades	Descrição temporal das eventualidades	Relação temporal entre as eventualidades	Subordinação temporal
Pres Ind → Pres Ind	$s_1 \rightarrow s_2$	$s_1$ : TPpt:=n $s_1$ O TPpt $s_2$ : TPpt:= n $s_2$ O TPpt	$s_2$ O $s_1$	√
Pres Ind → PP Ind	$s_1 \rightarrow e / s_{2acab}$	$s_1$ : TPpt:=n $s_1$ O TPpt $e / s_{2acab}$ : TPpt:= n $e/s_{2acab} < TPpt$	$e / s_{2acab} < s_1$	√
Pres Ind → Imp Ind	$s_1 \rightarrow s_{2inacab}$	$s_1$ : TPpt:=n $s_1$ O TPpt $s_{2inacab}$ : TPpt:= n $s_{2inacab} < TPpt$	$s_{2inacab} < s_1$	√
Pres Ind → Fut Ind	$s_1 \rightarrow e[+cert] / s_2[+cert]$	$s_1$ : TPpt:=n $s_1$ O TPpt $e[+cert]/s_2[+cert]$ : TPpt:=n $e[+cert]/s_2[+cert] > TPpt$	$e[+cert]/s_2[+cert] > s_1$	√
Pres Ind → Cond	$s_1 \rightarrow e[-cert] / s_2[-cert]$	$s_1$ : TPpt:=n $s_1$ O TPpt $e[-cert]/s_2[-cert]$ : TPpt:=n $e[-cert]/s_2[-cert] > TPpt$	$e[-cert]/s_2[-cert] > s_1$	√

Quadro VI



### 3.2. Frases complexas com completivas não finitas

A análise das relações temporais em frases complexas com completivas não finitas, mais precisamente com o infinitivo simples, comprova mais uma vez a necessidade de se realizar uma leitura composicional das frases para se obter uma interpretação temporal correcta. A consideração da categoria aspectual das eventualidades descritas nas orações complemento revela-se nestes exemplos fundamental e determina relações temporais distintas:

- (13) Jackie Stewart pensa, daqui a dois anos, atingir o primeiro patamar da competição.
- (14) A Comissão Europeia considerou ontem «politicamente inoportuno» avançar com uma proposta de harmonização dos impostos sobre os produtos energéticos.
- (15) Kennedy afirma ser «um profissional de futebol».
- (16) A Presidente da Comissão para a Igualdade de Direitos da Mulher disse ter «grande expectativa» sobre esta reunião internacional.

De facto, quando a eventualidade representada pela oração complemento é um evento, como sucede nos exemplos de (13) a (14), a sua relação com a eventualidade da oração principal é de posterioridade. Por outro lado, quando se trata de um estado (cf. (15) e (16)), este estabelece com a eventualidade da primeira oração uma relação de simultaneidade. Na primeira situação (evento na oração subordinada), há sempre subordinação temporal, independentemente do tempo gramatical do verbo introdutor. Assim, em (13), o ponto de perspectiva temporal do evento “atingir o primeiro patamar” coincide com *n* e o evento situa-se depois desse intervalo de tempo, aliás o adverbial temporal especifica que a ocorrência do evento decorrerá num período de tempo futuro “daqui a dois anos” com origem de computação em *n*. Já o evento descrito na oração subordinada de (14) tem como ponto de perspectiva temporal um intervalo de tempo anterior a *n*, mais especificamente o tempo de ocorrência do estado “considerar” e localiza-se depois desse intervalo de tempo.

Os dois últimos dados desta série são exemplificativos da ausência de subordinação temporal, visto que o ponto de perspectiva temporal dos estados representados nas orações complemento não é apenas o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade da oração principal. Tal como acontece com as sequências de tempos verbais PP Ind→Pres Ind e Pres Ind (e)→Pres Ind, nas sequências apresentadas em (15) e (16), o ponto de perspectiva temporal dos estados das orações complemento é o intervalo de tempo que inclui o momento de enunciação original e o do relato (*n<sub>1</sub>*) e o estado localiza-se nesse intervalo de tempo.

O quadro VII resume as relações temporais em algumas sequências de tempos verbais em frases complexas com completivas não finitas.

Sequência de tempos verbais	Tipo de eventualidades	Descrição temporal das eventualidades	Relação temporal entre as eventualidades	Subordinação temporal
Pres Ind → Inf simpl	$s_1 \rightarrow s_2$	$s_1$ : TPpt:=n $s_1$ O TPpt $s_2$ : TPpt:=n $s_2$ O TPpt	$s_2$ O $s_1$	✓
Pres Ind → Inf simpl	$s \rightarrow e$	$s$ : TPpt:=n $s$ O TPpt $e$ : TPpt:=n $e$ > TPpt	$e$ > $s$	✓
Pres Ind → Inf simpl	$e \rightarrow s$	$e$ : TPpt:=n $e$ < TPpt $s$ : TPpt:=n <sub>1</sub> $s$ O TPpt	$s$ O $e$	X
Pres Ind → Inf simpl	$e_1 \rightarrow e_2$	$e_1$ : TPpt:=n $e_1$ < TPpt $e_2$ : Rpt:= $e_1$ TPpt < n $e_2$ > TPpt	$e_2$ > $e_1$	✓
PP Ind → Inf simpl	$s/e_1 \rightarrow e_2$	$s/e_1$ : TPpt:=n $s/e_1$ < TPpt $e_2$ : Rpt:= $e_1$ TPpt < n $e_2$ > TPpt	$e_2$ > $s/e_1$	✓
PP Ind → Inf simpl	$s_1/e \rightarrow s_2$	$s_1/e$ : TPpt:=n $s_1/e$ < TPpt $s_2$ : TPpt:=n <sub>1</sub> $s_2$ O TPpt	$s_2$ O $s_1/e$	X

Quadro VII

As características semânticas do verbo introdutor determinam de igual modo interpretações temporais diferentes em sequências de tempos verbais iguais. O verbo *querer* é disso evidência. A semântica deste verbo implica que as eventualidades das orações que ele subordina sejam situadas temporalmente num intervalo de tempo posterior ao ocupado pelo estado por ele denotado (Cf. exemplos (17)-(19)). Como o ponto de perspectiva temporal das eventualidades descritas pelas orações subordinadas é o tempo de ocorrência do estado, há sempre subordinação temporal, como se pode observar no quadro VIII.

- (17) Eu quero assumir um compromisso com os Alentejanos.  
 (18) Os Escoceses querem ser independentes no dia 1 de Janeiro de 1993.  
 (19) Quis ser oficial da Marinha, médico e, finalmente, professor.

A QUESTÃO SEMÂNTICA DA SUBORDINAÇÃO TEMPORAL EM FRASES COMPLEXAS

Sequência de tempos verbais	Tipo de eventualidades	Descrição temporal das eventualidades	Relação temporal entre as eventualidades	Subordinação temporal
Pres Ind → Inf simpl	$s_1 \rightarrow s_2 / e$	$s_1$ : TPpt:=n $s_1$ O TPpt $s_2 / e$ : TPpt:= n $s_2 / e > TPpt$	$s_2 / e > s_1$	✓
PP Ind → Inf simpl	$s_{1acab} \rightarrow s_2 / e$	$s_{1acab}$ : TPpt:=n $s_{1acab} < TPpt$ $s_2 / e$ : TPpt:= n $s_2 / e > TPpt$	$s_2 / e > s_{1acab}$	✓
Imp Ind → Inf simpl	$s_{1inacab} \rightarrow s_2 / e$	$s_{1inacab}$ : TPpt:=n $s_{1inacab} < TPpt$ $s_2 / e$ : TPpt:= n $s_2 / e > TPpt$	$s_2 / e > s_{1inacab}$	✓

Quadro VIII

Os quadros IX e X sistematizam, respectivamente, as sequências de tempos verbais em que está presente e ausente a subordinação temporal<sup>9</sup>.

Subordinação temporal	Tempo do verbo da oração principal	Tempo do verbo da oração subordinada
Frases completivas finitas	PP Ind	Imp Ind; PMP Ind; Cond; FP Imp; Cond Perf; Imp Conj
	Pres Ind (s)	Pres Ind; FP Pres; Pres Conj; PP Ind; Imp Ind; Fut Perf; Cond Perf; PP comp Ind; Imp Conj; Fut Ind; Cond
	Pres (e)	Imp Ind; Cond
	Imp Ind	Imp Ind; Imp Conj; PMP Ind; Cond
	PMP Ind	Imp Ind; PMP Ind
	Cond	PMP Ind
Frases completivas não finitas	Pres Ind	Inf simpl; Inf Perf; Inf com <i>estar</i> ; Inf com <i>ir</i>
	PP Ind	Inf simpl (e); Inf Perf; Inf com <i>ir</i>
	PMP Ind	Inf simpl (e)

Quadro IX

<sup>9</sup> As abreviaturas Fut Perf, PP comp Ind, FP Pres, FP Imp e Cond Perf correspondem a os seguintes tempos verbais: Futuro Perfeito, Pretérito perfeito composto do Indicativo, Condicional perfeito Progressivo Presente e Progressivo Imperfeito, respectivamente. A correspondência das restantes abreviaturas encontra-se no corpo do texto.

Criação de um novo domínio temporal	Tempo do verbo da oração principal	Tempo do verbo da oração subordinada
Frases completivas finitas	PP Ind	Pres Ind; PP Ind; Fut Ind; FP Pres
	Pres Ind (e)	Pres Ind; FP Pres; Pres Conj; PP Ind; PP comp Ind; Fut Ind
	Imp Ind	Pres Ind
	Fut Ind	Pres Ind
Frases completivas não finitas	Pres Ind (e)	Inf simpl (s); Inf com <i>estar</i>
	PP Ind	Inf simpl (s); Inf com <i>estar</i>
	PMP Ind	Inf simpl (s)
	Imp Ind	Inf com <i>estar</i>

Quadro X

#### 4. Conclusões

O estudo efectuado demonstra que, no âmbito das frases complexas com completivas finitas e não finitas em contexto de texto jornalístico são viáveis dois processos de ligação de orações: a subordinação temporal e a criação de um novo domínio. No entanto, a análise dos dados revela que a criação de um novo domínio temporal na oração subordinada é mais comum o que me leva a colocar a hipótese de que no domínio da construção de texto se poderá estar a iniciar um processo de mudança.

#### Referências

- Abusch, D. (1997) Sequence of tense and temporal *de re*. *Linguistics and Philosophy* 20 (1), pp. 1-50.
- Declerck, R. (1991) *Tense in English: Its Structure and Use in Discourse*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Kamp, H. & U. Reyle (1993) *From discourse to logic: introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Mateus, M. H., A. Brito, I. Duarte, I. Faria, et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho. 5ª edição revista e aumentada.
- Oliveira, F. (1998) Algumas Questões Semânticas acerca da Sequência de Tempos em Português. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas Modernas*. XV. Porto, pp. 421-436.
- Silvano, Purificação (2002) *Sobre a semântica da sequência de tempos em Português Europeu. Análise das relações temporais em frases complexas com completivas*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Vendler, Z. (1967) Verbs and Times. *Linguistics and Philosophy*. Nova Iorque: Cornell University Press, pp. 97-121.